

OS ADVENTISTAS E A SALVAÇÃO: UMA ANÁLISE DE DOIS TEXTOS CONTROVERSOS DE ELLEN WHITE

Allysson Henrique Silva Oliveira¹

Gerson Cardoso Rodrigues²

RESUMO

O Presente trabalho estuda a salvação nos escritos de Ellen White especialmente em dois textos controversos, na tentativa de entender a visão da autora sobre Soteriologia. Inicialmente apresenta-se a relevância da autora e sua relação com a IASD, em seguida analisa a Conferência da Associação Geral de 1888, e subsequente analisa norteadores hermenêuticos e os dois textos em questão. Como metodologia foi utilizada a revisão bibliográfica. Por fim, Conclui-se diante das diretrizes hermenêuticas utilizadas que os textos abordados corroboram para a confirmação da justificação pela fé nos escritos de Ellen White.

Palavras-chave: Literatura whiteana. Soteriologia. Hermenêutica.

¹ Acadêmico do curso de Teologia no Seminário Adventista Latino Americano de Teologia;

² Doutorando em Religião, Mestre em Divindade, Bacharel em Artes (Teologia) pela Andrews University. Docente no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia.

INTRODUÇÃO

A salvação é o tema geral da Bíblia. Um assunto norteador para a teologia de qualquer denominação religiosa, inclusive para a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD). De modo que, é necessário o entendimento do tema, especialmente na ótica de uma das suas principais escritoras e colaboradoras, Ellen G. White.

White possui um lugar de destaque na IASD. A escritora por sua vez aparentemente parece fomentar a salvação pelas obras em alguns textos, é o que evoca o Centro de Apologética Cristã de Pesquisas (CACP), ao qual faz

uso de algumas citações. Afinal, Ellen White defende a salvação pelas obras ou pela fé? A partir dessa aparente dificuldade de conciliar e definir o assunto da salvação para Ellen White, o presente trabalho pondera sobre o entendimento da autora acerca da salvação, essa pesquisa se limitará em dois textos, escolhidos aleatoriamente, que são usados pelo CACP(2017) para as suas críticas contra White.

O trabalho aborda uma sequência lógica para a corroboração da temática, em busca de uma possível resposta para a problemática da soteriologia “legalista” nos escritos de Ellen White. Inicia-se com uma percepção da relação e importância de White para a IASD. Consequentemente é analisada sua relação com a Bíblia. Para complementar o entendimento da importância da doutrina da salvação no meio adventista é feita uma breve análise da conferência de Minneapolis em 1888, uma vez que a referida Assembleia da Associação Geral da IASD foi um marco na compreensão do pensamento soteriológico adventista. De maneira que não se pode deixar de ser citado e observado. Posteriormente, ressalta a relevância da hermenêutica na interpretação dos textos, em especial os controversos. Por último é analisado dois textos que aparentam sugerir uma soteriologia legalista, encerrando com breves considerações finais.

Justifica-se a pesquisa pois é notado a importância do assunto para os adventistas pela declaração de Schuler (2015, p.108), “O estudo e a experiência da justiça pela fé, para justificação e santificação, têm especial valor para os adventistas do sétimo dia”. Embora, este artigo esteja distante de evocar todas as respostas ou esgotar o assunto da soteriologia, em especial nos escritos de White, pretende esclarecer este tema de forma sucinta através de análises textuais e promover um incentivo à pesquisa de um assunto tão amplo e arrebatador que “escavado” por Martinho Lutero, já possui quinhentos anos de pesquisa e extensão não tendo sido em nenhum momento esgotado. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica.

ELLEN G. WHITE E A IASD

Ellen White fez parte da fundação da IASD, ela foi umas das principais contribuintes da sua época e especialmente do movimento de 1888 (KNIGHT, 2014, p.29),

inclusive seus escritos são utilizados até hoje pela igreja em questão, sobre tudo pelo fato da crença em White como profetisa. A vista disso, Dick (1993, p.142), afirma: “dentre todos os pioneiros, quem maior e mais permanente influência exerceu sobre o povo adventista foi Ellen G. Harmonn”. Ellen nasceu em 1827, se casou com Tiago White com o qual gerou quatro filhos (DOUGLAS, 2009, p. 48). É importante notar que apesar dela ter tido pouca escolaridade, deixou um acervo literário de milhares de páginas. O contexto religioso durante o século XIX nos EUA era efervescente levando ao surgimento de muitas denominações provindas das grandes instituições religiosas tradicionais. A IASD é organizada nessa época (DOUGLASS, p.47, 2009).

White teve sua primeira visão em dezembro de 1844. E aos poucos, um grupo de ex-mileritas passou a aceitar seu dom profético. (DOUGLASS, p. 491, 2001). A IASD reconhece o dom de profecia como uma de suas crenças fundamentais, e sua manifestação na vida e ministério de Ellen White.

O dom de profecia manifestou-se ativamente no ministério de Ellen G. White, co-fundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Foi-lhe concedida instrução inspirada da parte de Deus, em favor de Seu povo dos últimos dias. O mundo no início do século dezanove, quando Ellen White começou a apresentar mensagens de Deus, era um mundo do homem. Seu chamado profético colocou-a sob escrutínio crítico. Tendo satisfeito os testes bíblicos, ela prosseguiu em seu ministério profético durante 70 anos. Desde 1844, quando contava com apenas 17 anos de idade, até 1915 – ano de sua morte – ela recebeu mais de duas mil visões. Durante esse período, ela viveu e trabalhou na América do Norte, Europa e Austrália, aconselhando, estabelecendo novas frentes de trabalho, pregando e escrevendo. (Nisto Cremos, 2008, p. 285).

A partir do que Ellen White escreveu é possível notar a importância por ela confirmada a alguns temas em especial, um deles é a salvação. Os escritos de White são densamente cristocêntricos, o que remonta diretamente a sua soteriologia (DOUGLASS, 2009, p.5,) tendo esta causado grande revés em sua vida e ministério. Percebe-se que ela possuía no início da sua caminhada cristã um peso em relação à salvação por não ter entendido de imediato a justificação pela fé, porém em meados de 1841, Ellen compreende o que é salvação e tem suas emoções aliviadas no que diz respeito a vida eterna. Knight (2015, p.45) afirma:

Ellen lutou com esses medos durante anos. Duas falsas crenças agravaram seu problema. A primeira era crer que precisava ser boa- ou até mesmo perfeita para que Deus a aceitasse. A segunda era que se estivesse verdadeiramente salva, teria um sentimento de êxtase espiritual. Suas trevas emocionais começaram a se dissipar durante o verão de 1841, quando participou de uma reunião campal metodista em Buxton, Maine. Em um sermão, ouviu que nem todos os esforços pessoais têm valor para conquistar o favor divino. Ela percebeu que somente por meio da ligação com Jesus, mediante a fé, o pecador se transforma em um filho de Deus, cheio de fé e esperança.

Ressalta-se ainda a constante ênfase e destaque que a própria Ellen White dá em

relação a Bíblia. White (1888 apud KNIGHT, 2005, p.99) compartilha com a ideia da autoridade máxima da Bíblia ao afirmar a declaração: “A Bíblia deve ser nosso padrão para toda doutrina e prática... Não devemos aceitar a opinião de ninguém sem antes compará-la com as Escrituras. Eis a autoridade divina que é suprema em assunto de fé”. É nítido que White foi a escritora mais importante da IASD. Ela teve um ministério consistente e fundamental para a IASD.

Pregava mais amiúde, e embora nunca exigisse qualquer posição de liderança, era-lhe a palavra universalmente acatada e respeitada. Suas palavras de encorajamento e de otimismo, soavam vez após vez aos ouvidos de dirigentes vencidos fazendo com que se voltassem, reorganizassem as fileiras desbaratadas, e transformassem a derrota em vitória (DICK, 1993, p.178).

Em 1848, quando o movimento adventista ainda estava se reunindo e sequer era uma instituição, os pioneiros daquele movimento se debatiam com questões doutrinárias, enquanto isso Ellen White enfatizava a necessidade de saciar as dúvidas que os atormentavam na Bíblia. Era essencial que assim fosse, sendo que a interferência através de revelação à pessoa de Ellen White tinha que ser testada pela Bíblia (DOUGLASS, 2009, p.171,).

A Vista dessa tão grande contribuição para a IASD e o aspecto profético da autora, é importante destacar a afirmação de Knight (1999, p.14) que diz: “Mesmo que Ellen White tenha afirmado escrever sob o ponto de vista privilegiado da luz do Espírito Santo, ela não pretendeu que deveríamos tomar seus escritos como a última palavra do significado das Escrituras”.

É extremamente essencial para a compreensão e resolução de qualquer controvérsia no meio adventista a relação existente entre White e a Bíblia. Uma vez que a própria White ressalta a Bíblia acima de tudo, é indispensável sempre buscar a palavra final nas Escrituras, pois este era o foco da própria escritora (DOUGLAS, 2009, p.171). Assim se resolveu a controvérsia de Mineápolis.

CONFERÊNCIA DE MINEÁPOLIS DE 1888

Os adventistas tinham sua fé baseada em Cristo, entretanto aos poucos, alguns perdendo o foco em relação ao mesmo e depositaram nas defesas doutrinárias, ao ponto de perderem Cristo de Vista.

Nas décadas de 1870 e 1880, tinha surgido uma nova geração de adventistas do sétimo dia. Ridicularizados por seus companheiros cristãos como legalistas e judaizantes, e perseguidos em algumas regiões, esses adventistas do sétimo dia pesquisavam a Bíblia para sustentar sua crença sabática. Acharam nela um verdadeiro arsenal de textos-prova, que poderiam ser organizados como uma lógica esmagadora para demonstrar a perpetuidade do sábado. Eles apreciavam debates e,

imperceptivelmente, tendiam a se tornar precisamente o que eram acusados de ser: legalistas que olhavam para suas próprias obras em busca de salvação, em vez de olhar para Jesus Cristo (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p.175).

Uma crise com tal dimensão não se origina a partir do nada. Naquele tempo estava ocorrendo prisões de alguns adventistas acusados de transgredir a observância de leis dominicais impostas em alguns estados da nação norte-americana. Com o intuito de se reforçar acabaram exagerando na defesa da lei e distanciando da pura doutrina bíblica (ROCHA, 2009, p. 27).

Nesse período ocorreu um Marco histórico na soteriologia adventista, conhecido como Conferencia de Minneapolis. Uma assembleia da da Conferencia Geral que abordou o tema da justificação pela fé em 1888. Os nomes relevantes em relação ao grande tema em questão são poucos. Pessoas que antes da reunião já possuíam relacionamento delicado. Para Knight (2014, p.24), os principais nomes na conferência de mineápolis foram: “George I. Butler (1834-1918) e Uriah Smith (1832-1903) representando a ‘velha guarda’ ... [e] em oposição a Smith e Butler, estavam Alonzo T. Jones (1850-1923) e Ellet J. Waggoner (1855-1916)”.

Nas declarações de Knight nota-se dois grupos, de um lado um grupo que estava preocupado em enaltecer a Cristo, “Waggoner, Jones e os Whites estavam de acordo quanto ao uso apropriado da autoridade na resolução de questões teológicas. Todos criam que a Bíblia era a única regra da crença cristã” (KNIGHT, 2005, p. 98). Outro grupo queria impor suas convicções e tradições perante todo o grupo tentando fazer malabarismos teológicos. Os Adventistas tradicionalistas, Segundo Knight (2005, p.95-97), recorriam a pelo menos quatro formas de autoridade: opinião de especialistas, Autoridade na função, confiança na tradição e no credo de consolidação da teologia pré-1888.

Ellen White como já foi dito, teve bastante influencia na IASD. A respeito das controvérsias e divergências e o ponto de vista ditador da “velha guarda” ela ressaltou em dezembro de 1888: “Não devemos achar que o pastor Butler e o pastor Smith são os guardiões das doutrinas dos adventistas do sétimo dia e que ninguém pode ousar expressar uma ideia que difira da deles” (1888 apud KNIGHT, 2005 p. 96).

Sem os comentários feitos por Ellen White sobre os temas tratados na assembleia da Associação Geral de 1888, os acontecimentos de Minneapolis e os ensinamentos de Jones e Waggoner não seriam questões debatidas no adventismo. Sem o repetido apoio dado pela Sra. White a Jones e Waggoner na década de 1880, eles jamais teriam tido a oportunidade de expressar-se em 1888, nem teriam alcançado posições de responsabilidade e influência na igreja durante a década de 1890. (STENCEL, 2009, p 15).

A mensagem revolucionária de 1888 apontava de forma sucinta para a pessoa de Cristo, trazendo uma doce brisa para os Adventistas (MAXWELL, 1982, p.253). Knight

(2014, p.19-20) sugere alguns tópicos como a ênfase da mensagem de Minneapolis:

1. O salvador crucificado.
2. Justificação pela fé em Jesus.
3. A relação entre a justiça de Cristo e a obediência aos mandamentos de Deus.
4. A necessidade de os adventistas focalizarem a atenção em Jesus.
5. A justiça de Cristo ou justiça pela fé guarda íntima relação com a terceira mensagem angélica de Apocalipse 14:9-12
6. Cristo morreu em nosso lugar com expiação pelo pecado
7. Jesus tem “bênçãos pactuais” especiais para seus filhos
8. Os adventistas têm enfatizado a lei, mas negligenciado Jesus e a importância da fé em seu sacrifício em nosso favor
9. A fé nos méritos do Salvador crucificado “é a vida da igreja”
10. O alvo de Satanás tem sido desviar os olhos da igreja, de Jesus e de seus méritos, para a teologia eclesiástica concentrada em esforços humanos
11. Deus chamou a Jones e Waggoner para redirecionar o olhar dos adventistas para Jesus, para a fé em seu sacrifício e méritos, bem como para a relação existente entre a salvação pela fé e a mensagem do terceiro anjo.

Os adventistas do sétimo dia continuam vendo a assembleia da associação geral de 1888 como uma mudança radical em seu desenvolvimento teológico. Ao observar a mensagem de Minneapolis, Knight (2014, p.12), afirma, “Logo compreendi que a essência da mensagem de Minneapolis era enaltecer a Bíblia, exaltar a Jesus e o que significa ser salvo por Ele”. Dessa maneira, era necessário e essencial que essa reunião acontecesse na Igreja Adventista, para que houvesse o retorno ao verdadeiro evangelho, pois o evangelho se trata não de uma mensagem, nem de um movimento, mas de uma pessoa: Jesus Cristo (PEASE, 2002, p.10).

Os acontecimentos e ensinamentos de 1888 deveriam ser vistos por essa ótica divina. Deus fez brilhar a sua luz em meio ao ambiente de tumulto teológico e emocional, de rivalidade entre partidos de teologias em conflito. Hoje, após 120 anos, podemos dizer “aleluia”, pois o Senhor fez sua luz brilhar a despeito da confusão reinante. A nós, adventistas do sétimo dia do século 21, herdeiros da mensagem de justificação pela fé e seus resultados, a luz está disponível de graça, mas não sem preço (ROCHA, 2009, p.26).

Subsequente a conferência, Ellen White, Waggoner e Jones saíram divulgando a mensagem da justificação pela fé resgatada na conferência. Minneapolis foi um renovo no que diz respeito a mensagem cristocêntrica. (VYHMEISTER, 2011, p.12). A conferência trouxe várias modificações na visão da igreja em relação a doutrina da justificação pela fé. É possível notar uma ênfase maior nos escritos de White com relação aos temas que emanavam das discussões em Minneapolis.

Outro fator que merece atenção é uma suposta mudança, ocorrida após Minneapolis, No posicionamento de Ellen G. White sobre a justificação pela fé. É certo que, como assídua participante da assembleia, ela se entusiasmou com a abordagem ali apresentada sobre o assunto, Porém, quanto ao teor da mensagem, ela explicou que as verdades ali apresentadas lhe haviam sido mostradas por Deus desde 1844 (STENCEL,

2009, p.15).

PRINCÍPIOS HERMENÊUTICOS

O objetivo principal desse artigo é analisar duas citações de Ellen White escolhidas aleatoriamente na página oficial do CACP (2017) que segundo a mesma sugere que são textos legalistas da autora. Para isso é necessária uma breve análise para que haja uma contextualização adequada. Não obstante é visto a necessidade de demonstrar a relevância da hermenêutica e apontar norteadores hermenêuticos para os textos em questão.

A hermenêutica de modo simples tem que ver com princípios de interpretação (KAISER; SILVA, 2009, p.15). A interpretação é extremamente importante para se analisar textos ou se fazer declarações. “Um simples olhar para a igreja contemporânea, por exemplo, torna abundantemente claro que nem todos os ‘significados claros’ são igualmente claros para todos” (FEE e STUART, 2011, p.26). Discrepâncias hermenêuticas podem ocorrer por falta de compreensão do valor da hermenêutica e suas diretrizes básicas. Para Kaiser e Silva (2009, p.16), “O que precisamos reconhecer, todavia, é que o potencial para uma má interpretação está sempre presente”.

Todos têm o intuito de serem entendidos, porém muitas vezes ocorre graves erros interpretativos pelo simples fato de não se contextualizar a fala ou o texto (DOUGLASS, 2009, p.372).

Na verdade, nós precisamos de princípios de interpretação para entender conversações triviais e até mesmo acontecimentos não linguísticos- afinal, a falha em compreender o piscar de olhos de alguém poderia significar um desastre em certas circunstâncias (KAISER E SILVA, 2009, p.16).

Ao se tratar deste aspecto surge um dos maiores parâmetros e ordens da hermenêutica, o estudo do que significava o texto, para a época em que foi escrito e para o entendimento do que ele significa no tempo atual. A hermenêutica assim traz a firmeza de se saber não somente o que significa o texto, mas também evitar compreensões aquém do pretendido (DOUGLASS, p. 372, 2009).

A seguir é mostrado dois quadros com diretrizes hermenêuticas. O primeiro traz semelhanças de diretrizes sugeridas por dois autores Olson (2012, p.96-110) e Pfandl (2007, p.318-324), no qual é destacado os principais norteadores de interpretação apontado pelos mesmos. Ambos foram escolhidos para nortear as análises desse artigo, por se notar a objetividade dos mesmos o que condiz com o intuito do presente trabalho.

Quadro 1 - Paralelo entre diretrizes hermenêuticas.

Olson (2012)	Pfandl (2007)
Considere o texto	Considere o contexto histórico
A Bíblia e o espírito de profecia expõem a si próprios	Estude o contexto imediato
Não construa o edifício sobre uma única palavra ou mesmo uma única referência	Estude o contexto mais amplo
Considerar exageros e figuras de linguagem	Procure princípios
Acautele-se contra interpretações extremas	Procure crescimento em sua compreensão e reconheça as limitações
Podem existir expressões erradas	

O segundo quadro se trata de Regras básicas de interpretações internas e externas sugeridas por Douglass (2009, p. 386- 405).

Quadro 2 - Diretrizes hermenêuticas internas e externas.

Regras internas	Regras externas
Reconheça que a Bíblia e os escritos de White são o produto da inspiração do pensamento e não verbal	Inclua tudo que o “profeta” disse sobre o assunto antes de tirar uma conclusão
Reconheça que o sentido de algumas palavras pode mudar com o tempo	Cada declaração deve ser compreendida dentro de seu contexto histórico
Entenda o uso da hipérbole	Deve-se reconhecer o princípio básico de cada declaração de conselho ou instrução
Entenda o significado da frase em que a palavra está inserida	Deve-se usar o bom senso e a razão santificada ao analisarmos a diferença entre princípios e normas
Reconheça a possibilidade de expressões imprecisas	Deve-se estar certo de que as supostas citações foram de fato escritas pelo autor
Procure cuidadosamente pelo contexto imediato	Deve-se levar em consideração a experiência de amadurecimento dos escritores
Reconheça que o significado de uma palavra pode mudar quando é usada em um novo contexto	Em alguns casos, uma pessoa deve compreender a experiência de um acontecimento direta ou indiretamente, antes de compreender a verdade do acontecimento

Leitores em geral e nesse caso aos de Ellen White deve possuir cuidado especial ao ler os seus escritos pois pode-se ter um ponto de partida corrompido por terceiros antes mesmo de analisá-los.

Para compreender os escritos de alguém, é fundamental compreender suas intenções e objetivos. Os leitores que não conseguem discernir o alvo perseguido por um autor correm o risco de utilizar suas obras para fins contrários às suas intenções. É então importante compreender as ideias que Ellen White tinha sobre seu papel no seio da Igreja adventista. Uma das coisas mais importantes que podíamos dizer de seus escritos, que eles não têm, de forma alguma, que tomar o lugar da Bíblia (KNIGHT, 1999, p.7).

A hermenêutica quando ignorada se dilui em justificativa para toda pressuposição que encontra âncora na imaginação do interprete, com os textos de White não é diferente, os textos amputados de seu devido contexto servem a qualquer pretexto. De possíveis interpretações “cegas” (DOUGLASS, p. 373, 2009) à fonte de ataques deliberados por pessoas adversas às convicções adventistas, como é o caso a ser evocado agora, partindo-se para a análise dos textos que alguns sugerem que tendem a firmar convicções legalistas.

ANÁLISE DO TEXTO 1

“Mostrai a necessidade dessa expiação, e dizei aos homens e mulheres se arrependem e se tornarem leais à lei de Deus, podem ser salvos” (WHITE, 2007b, p.187).

Aqui se apresenta um trecho onde a autora parece endossar o ideal legalista de que para atingir a salvação é necessário tornar-se fiel a lei de Deus antes. É possível encontrar a citação na página oficial do CACP (2017) para apoiar a afirmação de que a autora sustenta uma espécie de salvação pelas obras. Se atestada essa intenção, por terra se põe a devida unicidade e harmonia da mensagem bíblica com o que a autora propunha, o que seria desferir um grande golpe contra o corpo adventista em todos seus elementos, dos aspectos doutrinários às crenças prolatadas pessoal e coletivamente por seus membros. É imprescindível o estudo do texto exposto, uma vez que o que se põe em cheque são elementos de um credo historicamente consolidado.

É importante ressaltar como os textos da autora Ellen White se apresentam ao público em geral, sendo que isso traz implicações importantes para a compreensão de cada texto. Os escritos publicados da autora nem sempre são intencionados pela autora completamente na estrutura em que se apresentam. A exemplo disto pode-se evocar o livro “Evangelismo”, que não foi compilado pela autora, apesar de conter apenas escritos dela. Desse modo, a citação será analisada dentro de seu contexto original, a saber, a carta endereçada a A. T. Jones em 13 de fevereiro 1905. Publicada parcialmente em RH, 2 de março de 1905, p.5

Diante disto, fica mais que atestada a essencialidade de uma correta aplicação dos métodos de interpretação para se encontrar o sentido mais exato do texto. A cadência

do texto recortado encontra-se flutuante, pronta para imaginação se apropriar da maneira como bem entender do texto. Knight (2010, p.15), deixa claro que Ellen White foi contra usos que desprendiam seus textos do contexto criando algo a parte do que realmente foi intencionado. Para isso serão utilizados os métodos já apresentados neste trabalho. Partindo do ponto que o texto deve influenciar o leitor e não o contrário, a priori.

O contexto imediato é de suma importância, uma vez que dá vislumbre imediato das expressões construídas nos textos (PFANDL, 2007, p.320). O que White desenvolve não é uma teologia soteriológica no sentido de que ela não está discutindo a “teoria da salvação”. A carta tem como objetivo geral persuadir e incentivar Jones a ir em missão à Washington o que pode ser atestado em simples leitura da carta:

A luz dada a mim é que você deveria estar em Washington agora. Vá lá e ofereça ajuda. O Senhor tem um trabalho para você fazer em Washington em conexão com os obreiros lá. Fique no lugar do seu compromisso. Uma e outra vez, me foi apresentado que você seria aquele que, em conexão com seus irmãos, proclamaria a mensagem em Washington. Chegou a sua hora de fazer isso. (WHITE, Lt65-1905.1, tradução nossa).

Assim, vale destacar, ainda que independente da análise da citação que não seria sensato esperar uma construção linguística perfeita. Discrepâncias de menor importância são bem reais em ambientes não formais, até porque o objetivo maior não é necessariamente uma exposição inerrante e exaustiva de cada clausula presente na carta, mas uma exortação para uma determinada atividade. Aqui subsiste a maior parte dos graves erros de interpretação, inferir ideias aleatórias sem qualquer análise criteriosa.

A isso cabe ressaltar o que Knight (2010, p.15) chama de “mito do profeta inflexível” no qual interpretes costumam se apegar a expressões fortes para comprovar o que querem, sem considerar propriamente as intenções do texto. Em geral isso acontece aqui na acusação tecida pelo site CACP (2007), onde se busca vincular a expressão de modo negativo a autora, fazendo-se uso do mito do profeta inflexível.

Para, além disso, seria inteiramente sensato ressaltar a cautela contra interpretações extremas (OLSON, 2012, p.104) porque no transcorrer da carta (1905) a autora deixa bem claro que acima de tudo é necessária uma pregação cristocêntrica algo completamente diferente a um desenvolvimento legalista.

Diga ao povo: conheça-se da doutrina. Não deixe seus lábios pronunciar uma sentença de dúvida. Não venha antes das pessoas com um som incerto. Saiba o que é verdade e proclame a verdade. O ensino de Cristo sempre foi positivo em sua natureza. Nunca, nunca pronuncie sentimentos de dúvida. Apresente com certa voz uma mensagem afirmativa. Exalte, o Homem do Calvário, mais e mais alto. Existe poder na exaltação da cruz de Cristo (WHITE, Lt65-1905., tradução nossa).

De outro modo, é importante também ir em busca do contexto histórico que

ressalta onde e porque a carta foi escrita, o que traz grande elucidação para compreensão correta do texto (PFANDL, 2007, p.319). Como já mencionado, a carta foi redigida a A. T. Jones em 1905, contudo, por quê? Qual a finalidade da carta? Para esclarecimento dessas questões é imprescindível entender o que realmente estava acontecendo.

Jones foi um nome grande no meio adventista e ao lado de Ellet Waggoner exerceu grande influencia na conferência de Minneapolis em 1888. Jones era um individuo de caráter forte e sempre esteve acostumado a estar em posição de liderança, porém, no começo do século XX começou a progredir em associação com o Dr. Kellogg, o que começou a demarcar o fim de sua grande influência no meio adventista. Kellogg insistia em cosmovisões panteístas e atitudes independentes em relação a administração da IASD. A carta de White em 1905 a Jones é um esforço para tentar afastar Jones de Kellogg e enfim trazê-lo de volta a união com a liderança da qual havia se afastado por conta de seu orgulho ferido com a derrota de 1903 na conferência geral. Jones, em 1905 foi convidado a se unir com a liderança da IASD em um evento sobre liberdade religiosa, já que ele tinha sido um líder dessa área na IASD (RODOR, 2009, p.88). Dessa forma, a carta tinha verdadeiro intuito de resgatar esse líder que estava mergulhando em apostasia. Esse resgate começaria com sua saída de Battle Creek e se distanciando de Kellogg. Assim a carta se apresenta em tom de exortação e incentivo da parte de Ellen White (RODOR, 2009, p.96).

Pressupondo o contexto amplo, a carta traz uma índole de justificação pela fé. A questão que permeia a carta de Ellen White é o resgate de uma alma afundada em orgulho ferido. Jones havia sido o grande nome na IASD por conta de sua soteriologia firmada na justificação pela fé, mas agora estava distante de tudo por ter uma visão distorcida de si mesmo (RODOR, p. 91, 2009). O trecho extraído do livro Evangelismo ganha nova forma, quando se entende que o foco de White no texto específico não é uma salvação meritocrática, mas uma ênfase no apelo por uma pregação que extraísse dos homens um verdadeiro arrependimento, na verdade. Essas palavras provavelmente ricocheteavam na cabeça do pregador Jones. Assim, Ellen White, sutilmente evoca o coração de Jones a repensar seus rumos.

Não obstante, em última instância, é necessário considerar o texto (OLSON, 2012, p.106). Indo direto a citação, podemos fazer uma espécie de exegese, uma interpretação lógica e gramatical do texto em si, assim temos:

Cristo deve ser pregado, não de maneira controversa, mas de maneira afirmativa. Posicione-se sem controvérsia. Não deixe suas palavras em nenhum momento serem duvidosas. A Palavra do Deus vivo deve ser o fundamento da nossa fé. Reúna as declarações afirmativas mais fortes sobre a expiação feita por Cristo pelos pecados do mundo. Mostre a necessidade dessa expiação, e diga a homens e mulheres que eles podem ser salvos se eles se arrependerem e retornarem à sua lealdade à lei de Deus. Reúna todas as afirmações e provas que fazem do evangelho as boas novas da salvação

a todos os que recebem e creem em Cristo como um Salvador pessoal (WHITE, Lt65-1905.11, tradução nossa).

Ellen White lembra mais uma vez a necessidade da pregação bíblica. Ela ressalta a relevância de uma pregação “Afirmativa”, e lembra que é necessário reunir “afirmações e provas” para convencimento de que a “expição” é “necessária” e que o “evangelho” é real. Nestes termos podemos extrair o significado de “retornarem à sua lealdade à lei de Deus”. É possível perceber que na argumentação de White, arrependimento e retorno à lealdade à lei de Deus estão em paralelo, respectivamente, com “afirmação” e “prova” o que nos leva a inferir, que o segundo é consequência do primeiro onde a lealdade a lei de Deus não é ponto necessário para salvação, mas “prova” do real arrependimento que brota de uma consciência da necessidade de “expição”.

Torna-se evidente que um estudo profundo do texto mediante os métodos hermenêuticos joga por terra a ideia que transparece em uma leitura rasa, a concepção de que o texto ensina salvação por obras. Do texto usado por muitos, em especial o CACP (2017) para a afirmação de que Ellen White é legalista, podemos extrair um dos mais belos compêndios de como um pregador deve expor o verdadeiro evangelho: Exaltando a Cristo, demonstrando a necessidade de expiação que deságua no verdadeiro arrependimento que, por sua vez, remonta a verdadeira lealdade a lei de Deus. Não cabem dúvidas de que o “Homem do Calvário” é o centro desse escrito de White, uma correta e sincera hermenêutica é o exigido para isto atestar.

ANÁLISE DO TEXTO 2

“Todos, quantos guardarem os mandamentos de Deus, entrarão na cidade pelas portas, e terão direito à árvore da vida, e sempre estarão na presença de Jesus, cujo semblante resplandece mais do que o Sol ao meio-dia” (WHITE, 2007c, p.51).

O segundo texto se encontra no livro *Primeiros Escritos* publicado por Ellen White em 1882. O texto parece indicar que de alguma forma os mandamentos influenciam para que os homens alcancem a salvação. Essa foi a acusação extraída do site de apologética, o CACP (2017). Aqui deve-se mais uma vez recorrer aos princípios e métodos hermenêuticos para a correta compreensão e real intenção da autora. Novamente o texto se encontra solto, propício a toda espécie de manipulação. Pfandl (2007, p.320), propõe que ao se interpretar o texto se analise o contexto imediato, dessa forma, qual o contexto da citação?

A citação é do livro *Primeiros Escritos*, livro que compreende de modo geral alguns ensinamentos dos adventistas sabatistas e Ellen White relata suas primeiras visões. Vale destacar que a citação se encontra dentro de um contexto de visão. A autora começa a tratar de um assunto pertinente, a saber o apego aos bens materiais por parte de alguns

irmãos em Cristo.

Foram-me então de novo apresentados aqueles que não se dispunham a sacrificar bens deste mundo a fim de salvar as almas que pereciam, enviando-se-lhes a verdade enquanto Jesus permanece diante do Pai alegando por eles Seu sangue, sofrimentos e morte, e enquanto os mensageiros de Deus estão esperando, prontos para levar-lhes a verdade salvadora a fim de que possam ser selados com o selo do Deus vivo (WHITE, 2007c, p. 49-50).

White (2007c, p. 48), relata que recebeu essa visão no começo do ano de 1850. A argumentação ganha força ao se estabelecer um puro contraste entre a obra de Cristo para a salvação do mundo e o apego aos próprios bens que hão de perecer ainda neste mundo. O método de Ellen White é enfático, uma vigorosa comparação entre a obra de Cristo e a negligência dos que dizem ser seguidores dele.

Assim, conhecido o contexto imediato, salta aos olhos a pergunta, o que estava acontecendo no período em que a carta foi escrita? De outro modo, qual o contexto histórico? Segundo Pfandl (2007, p. 319), tal entendimento é imprescindível para correta interpretação.

O contexto histórico engloba o período vivido desde 1844 que resultou em inúmeros desdobramentos. O grande grupo milerita se subdividiu logo após a grande decepção. Dessa subdivisão um pequeno grupo insistiu em entender o que havia acontecido em 22 de outubro de 1844. Esse grupo brota o entendimento do ensinamento bíblicos sobre o santuário celestial e precisaria ser pregado aos outros. Daí surge o problema, como? As limitações especialmente financeiras eram enormes, o número de pessoas era quase insignificante e os sacrifícios exigidos eram enormes. Um exemplo dessa limitação de recursos é apresentado na época da publicação do primeiro periódico regular dos adventistas sabatistas.

Novembro de 1848, Dorchester, Massachusetts: Em um tempo de grande tensão financeira e apelando para não mais que cem adventistas sabatistas, ela predisse que a revista que seu marido estava iniciando seria 'pequena a princípio', mas por fim suas 'torrentes de luz' 'circundariam o mundo' (DOUGLAS, 2009, p. 162).

A partir desses pressupostos o texto começa a ganhar nova cadência, no sentido que ganha forma não sendo apenas um fio solto. Conforme outro critério hermenêutico, faz-se necessário para além do já feito, a consideração do texto em si. É importante a ressalva de que dentro do contexto direto de onde a citação é extraída, a saber, a visão descrita, só aparece uma vez a palavra "mandamentos", de outro modo, também é possível notar que nenhum mandamento é citado objetivamente. Além do mais, White (2007c, p.49) fundamenta toda a argumentação em um ponto de encontro, a história do jovem rico.

Com estas lentes e uma leitura cuidadosa do texto é possível ter uma

compreensão que realmente abranja o sentido do texto. De outro modo, o texto seria contraditório, o que de modo algum é razoável, pois simplesmente não existem evidências de ser assim. Ellen deixa claro, dentro da descrição da própria visão, que a salvação se dá inteiramente pela obra de Cristo:

Vi então o glorioso Redentor, formoso e adorável; vi que Ele havia deixado o reino da glória e viera a este tenebroso e solitário mundo para dar sua vida preciosa e morrer, na qualidade de justo em prol dos injustos. Suportou cruéis escárnios e açoites, levou sobre Si a coroa de espinhos, e no jardim verteu grandes gotas de sangue enquanto o fardo dos pecados do mundo todo estava sobre Ele. O anjo perguntou: 'Por que isso?' Oh! eu vi e compreendi que foi por nós; por nossos pecados Ele sofreu tudo isso, para que por Seu precioso sangue pudesse remir-nos para Deus (WHITE, 2007c, p.49).

Portanto, fica claro o que está em questão no texto citado não é uma afirmação soteriológica no sentido de expor os modos de como se dá a salvação, mas uma constatação de que tipo de pessoa estará no céu. É sugestivo que a expressão "Todos, quantos guardarem os mandamentos de Deus" parece ser, não uma referência apenas aos 10 mandamentos, mas uma expressão mais abrangente assim como Jesus fez com o jovem rico ao qual se associa o desprendimento. No fim o texto engloba o auto sacrifício, - sendo esta característica primordial dos salvos (Mt. 16:25-27) - demonstrado no despojo dos bens materiais em prol do propósito divino. De modo análogo à citação considerada legalista, está a citação (WHITE, 2007c, p.50):

Novamente me foi apresentado o sofredor e paciente Jesus, cujo amor tão profundo O levou a dar a vida pelo homem; também vi o procedimento daqueles que professavam ser seus seguidores, tinham bens deste mundo mas consideravam coisa demasiado grande ajudar a causa da salvação. O anjo perguntou: 'Podem estes entrar no Céu?' Outro anjo respondeu: 'Não; nunca, nunca! Os que não se interessam pela causa de Deus na Terra jamais poderão cantar no Céu o cântico do amor redentor'.

O tema repetido é o mesmo, a saber, quem estará no céu. Assim fica nítido que a intenção da autora é mostrar que quem se apega aos próprios bens acima de Deus se encontra distante da salvação oferecida pelo Cristo crucificado. Da mesma forma como Jesus trabalhou com o jovem rico, onde esclareceu que o apego aos bens do jovem o distanciava do próximo e consequentemente do Cristo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi solidado diante das pesquisas realizadas, que para a IASD é de extrema importância a doutrina da salvação. E em conformidade com isso foi apresentado um breve histórico da experiência da IASD em 1888 e o papel influenciador de Ellen White no tópico da salvação em Jesus. A vista disso foi evocado a hermêutica e diretrizes

apropriadas para interpretações textuais, especialmente na escrita de White, ao qual foi confirmado como sendo indispensável para uma interpretação séria de qualquer texto.

No presente trabalho não foi feito uma análise exaustiva dos escritos de Ellen White, muito menos da doutrina da salvação como um todo. Entretanto foram analisados dois textos que são taxados pela CACP (2017) como citações legalistas. Todavia diante das diretrizes hermenêuticas usadas para entender os textos citados, houve uma corroboração justamente ao oposto. Textos que inclusive, fomentam a ratificação da ideia da justificação pela fé presente e tão abordada nos escritos de White (cf. Caminho a Cristo [WHITE,2007a]) e obras sobre ela (cf. O Senhor justiça nossa [DANIELLS, 2015]).

Diante destas reflexões e das complexidades por trás desse tema, sugere-se aos pesquisadores que invistam esforços em pesquisas na linha em questão, desenvolvendo assim a área da soteriologia como um todo, tendo novas indagações, perspectivas e conclusões. Através disso, proporcionar a todos, pensamentos e conhecimentos mais densos e profundos sobre a doutrina da salvação.

REFERÊNCIAS

Centro Apologético Cristão de Pesquisas. Disponível em: <<http://www.cacp.org.br/legalismo-a-doutrina-da-salvacao-pelas-obras/>> Acesso em 25 de out. 2017.

DICK, Everett 1898. **Fundadores da mensagem.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993.

DOUGLAS, Herbert. **Messageira do Senhor:** O ministério profético de Ellen White, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lê?:** um guia para entender a bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. 3º ed. São Paulo, SP: Vida Nova, 2011.

KAISER, Walter C.; SILVA, Moisés. **Introdução a hermenêutica bíblica.** 2º ed. Tradução de Paulo C. N. dos Santos; Tarcizio J. F. de Carvalho; Suzana Klassem. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2009.

KNIGHT, George R. **A mensagem de 1888.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

KNIGHT, George R. **Como ler Ellen White.** Tradução de Richard Lehmann. França: Éditions Vie Et Santé, 1999.

KNIGHT, George R. **Em busca de identidade.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

KNIGHT, George R. **Para não esquecer:** meditações Diárias; tradução Cecília Eller Nascimento. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

KNIGHT, George. **Mitos na educação Adventista:** Um estudo interpretativo da educação nos escritos de Ellen White. 1ª ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2010.

MAXWELL, C.M. **História do Adventismo.** Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1982.

Nisto cremos: As 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tradução de Helio L. Grellmann. 8º ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

OLSON, Robert W. Princípios norteadores de interpretação da Bíblia e dos escritos de Ellen G. White. In: STENCEL, Renato (org.). **Espírito de Profecia:** Orientações para a igreja Remanescente. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2012.

PEASE, Norval F. **A fé que salva.** União Central Brasileira, 2002.

PFANDL, Gerhard. Ellen G. White e a hermenêutica. in: REID, George W.(edt.). **Compreendendo as escrituras.** Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2007.

ROCHA, José M. **Revista Parousia.** Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 1 e 2º semestre de 2009.

RODOR, Amim A. **A. T. Jones: O declínio de um líder.** Parousia. Engenheiro Coelho, SP, 2017. Disponível em: <<http://circle.adventist.org/files/unaspres/parousia2009018119.pdf>> Acesso em 13 outubro 2017.

SCHWARZ, R.W.; GREENLEAF F. **Portadores de luz.** Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2009.

SHULER, J.L. Justificação pela fé: Assunto transcendental. In: DANIELLS, Arthur G. **O senhor Justiça Nossa. Campinas,** SP: Certeza editorial, 2015.

STENCEL, Renato. **Revista Parousia.** Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 1 e 2º semestre de 2009.

VYHMEISTER, Nancy J.; DEDEREN, Raoul (edt.). **Tratado de Teologia:** Adventista do Sétimo dia. Tradução de José Barbosa da Silva. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

WHITE, Ellen G. **Caminho a cristo.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007a.

WHITE, Ellen G. **Evangelismo.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007b.

WHITE, Ellen G. **Primeiros Escritos.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007c.

WHITE, Ellen G. **Testemunhos para a igreja.** vol.8º Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

WHITE, Ellen G. **Writings Lt 65, 1905 Jones, A T.** Disponível em: <https://egwwritings.org/?ref=en_Lt65-1905.10¶=8447.16> Acesso em 25 de out. 2017.